

KIMBERLITOS E DIAMANTES NA PROVÍNCIA DIAMANTÍFERA SERRA DA CANASTRA, CABECEIRAS DO RIO SÃO FRANCISCO (MG)

Mario Luiz de Sá Carneiro Chaves¹; Kerley Wanderson Andrade²; Leila Benitez³

¹ CPMTC/IGC/UFMG; ² IGC/UFMG e GEOMIL Ltda; ³ DEGEM/UFES

RESUMO: Relacionam-se ao Estado de Minas Gerais quatro províncias diamantíferas, designadas de Serra do Espinhaço, Oeste São Francisco, Alto Paranaíba e Serra da Canastra. Essa última, onde se insere a zona das cabeceiras do Rio São Francisco, localiza-se no sudoeste do Estado, constituída pelos distritos diamantíferos do Alto São Francisco (onde está a área enfocada) e do Médio Rio Grande. O Rio São Francisco nasce em altitude próxima a 1.350 m, na Serra da Canastra, formando uma extensa bacia hidrográfica que domina grande porção a oeste do Estado. No local denominado Casca d'Anta, a cerca de 20 km da nascente, uma cachoeira com 200 m de altura representa o maior desnível natural do rio, que a partir de tal ponto desenvolve seu curso médio. A existência de diamantes nessa área é conhecida desde 1920; entretanto somente a partir de 1936 os serviços tomaram importância, levando à constituição das localidades de Vargem Bonita (atualmente município) e São José do Barreiro. Existem depósitos aluvionares com diamantes no Alto São Francisco sobre uma extensão linear de pelo menos 60 km, embora, em menor escala, ocorreram também atividades de lavra acima da cachoeira da Casca d'Anta, o que foi impossibilitado com a implantação do Parque Nacional da Serra da Canastra (1972). De modo característico, porém, foi a jusante dessa cachoeira onde ocorreram serviços regulares, estudados pelo primeiro autor desde inícios da década de 1990. Em termos geotectônicos a região abrange a porção terminal sul da Faixa de Dobramentos Brasília, circundante a W-SW o Cráton do São Francisco, nas proximidades de sua junção com a Faixa de Dobramentos Alto Rio Grande, que baliza o cráton a S-SE. A Serra da Canastra na zona das cabeceiras do São Francisco é sustentada por metassedimentos arenosos do Grupo Canastra (Neoproterozóico), os quais são intrudidos por certamente mais que 40 *pipes* kimberlíticos, pelo menos um deles mineralizado economicamente (designado Canastra-1), e dois outros de altíssimo potencial (Canastra-3/Canastra-8), controlados por um marcante *trend* estrutural NW-SE. Estudos, observações e informações coletadas em campo, levaram ao cadastramento de 44 pontos/áreas de ocorrência aluvionar de diamantes nessa zona, sendo 25 considerados comprovados e 19 prováveis. Como tais ocorrências abrangem uma área muito superior à de influência aluvionar dos citados kimberlitos férteis, é de se supor a existência de diversos outros *pipes* mineralizados e/ou a existência de corpos ainda não detectados. Estudos mineraloquímicos desenvolvidos sobre a granada piropo, em cinco corpos, permitiram reconhecer dois *trends* da relação $\text{CaO} \times \text{Cr}_2\text{O}_3$, (G9-G10 e G5-G9), os quais parecem definir positivamente o potencial da região. Tal potencial, juntamente com o conhecimento geológico ainda restrito, a caracteriza como altamente prospectável para fontes primárias. A existência de extensas áreas protegidas ambientalmente, porém, torna a exploração desses *pipes* um desafio.

Acredita-se que a pesquisa, prospecção e lavra de tais depósitos possa ser possível; tome-se como exemplo o Canadá, que conta atualmente com quatro corpos kimberlíticos em plena lavra, situados tanto em terras de parques nacionais como de reservas indígenas, revertendo em ganhos gerais para as próprias unidades de conservação ambiental.

PALAVRAS CHAVE: Kimberlito, Diamante, Serra da Canastra